

Formação no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto: uma análise de seu projeto político*

Paulo Henrique Alves dos Santos** e Débora Cristina Goulart***

Resumo:

Este artigo examina o setor de formação político-educativa do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), buscando relacioná-lo com as ações deste movimento e, sobretudo, suas formas de luta, que provocam mudanças significativas nos enfrentamentos e nas relações entre os integrantes do movimento. Analisar este setor significa conhecer a base social, o projeto político, as formas de ação e a organização interna, o que implicou a adoção de uma metodologia qualitativa baseada na técnica de entrevistas.

Palabras claves: Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST); formação política; educação política; reforma urbana.

Training in the Movement of Homeless Workers: An Analysis of the Movement's Political Project

Abstract:

This article examines the political and educational training sector of the Movement of Homeless Workers (MTST), seeking to relate it to the political training actions of the Movement and especially its forms of struggle, which have provoked significant changes in the confrontations and social relations among the members of the movement. Analyzing the actions of this sector means understanding the social base, political project, and internal organization and forms of action, which implied the adoption of a qualitative methodology based on interviews technique.

Keywords: Movement of Homeless Workers (MTST); political training; political education; urban reform.

* Este texto é parte da pesquisa realizada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pelo primeiro autor, sob a orientação da segunda autora, e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

** Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos-SP, Brasil. Integra nesta Universidade, o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Classes e Conflitos Sociais (GEPECSO). End. eletrônico: paulo.henriquesantos@live.com

*** Doutora em Ciências Sociais pela UNESP-Marília. Professora do Departamento de Ciências Sociais da UNIFESP, Guarulhos-SP, Brasil; integrante na mesma Instituição do GEPECSO. End. eletrônico: debcgoulart@gmail.com

O MTST, a luta por moradia e a formação política

Identificar o nascimento do MTST não é algo simples, pois como é comum nos movimentos sociais em geral não há uma data de fundação, mas sim um processo de constituição em que suas características vão sendo paulatinamente lapidadas. No que se refere ao movimento em questão, seu surgimento está relacionado tanto às lutas no campo dos anos 1990 e à tentativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) de aproximação com as lutas urbanas (Goulart, 2011), como a uma tradição de movimentos sociais urbanos no Brasil.

A aproximação com as lutas urbanas ocorreu a partir da Marcha Nacional pela Reforma Agrária, em 1997, quando o MST dirigiu alguns militantes para as cidades onde já existiam movimentos organizados, com vistas a uma possível articulação das lutas do campo e da cidade. Tal vínculo é reconhecido pelos próprios militantes do MTST como um germe da criação deste movimento (Goulart, 2011). Porém, a eleição de Lula para a Presidência da República provocou a ruptura entre os dois movimentos no ano de 2003, devido à proximidade do movimento rural com o governo recém-eleito. Por outro lado, havia a necessidade do MTST tomar um rumo próprio nas ações e nas formas de luta mais adequadas à realidade urbana.

Dos movimentos sociais urbanos, o MTST acumulou uma tradição de organizar os moradores dos bairros pobres e desprovidos de infraestrutura, o que pautou uma demanda histórica por moradia, com algumas conquistas na organização do espaço urbano (Kowarick, 1987). O movimento vem, portanto, das experiências de movimentos sociais urbanos dos anos 1970 e 1980 de aproximar formas de lutas específicas e projeto político, tais como o princípio de autonomia frente ao Estado; estímulo a ações diretas, como trancamento de rodovias, ocupações etc.; e organização de sua base social a partir das vivências cotidianas (MTST, s/d).

Quando examinamos os documentos elaborados por seu setor formativo¹, podemos perceber que o movimento busca primordialmente colocar-se como ferramenta capaz de organizar e propor um novo projeto de sociedade por meio da luta por moradia. Desta forma, propõe-se como parte de uma alternativa possível para o desenvolvimento de uma postura combativa em relação ao Estado capitalista e, neste sentido, o movimento coloca-se como uma organização antagônica à forma de vida das metrópoles no modelo capitalista, definindo seus objetivos como:

¹ No MTST existe uma divisão de setores que são responsáveis por diferentes tarefas na organização do movimento, um deles é o setor de Formação política, responsável pela formação da base, coordenadores e militância. (MTST, s/d).

A luta contra o capital e o Estado que representa os interesses capitalistas. Sabemos que na atual forma de organização social não há espaço para a realização dos interesses da maioria, os trabalhadores. Tudo é transformado em mercadoria, inclusive nós próprios e nossos direitos. Apenas uma minoria tem acesso a condições dignas de vida. E o Estado atende exatamente a esta minoria. Por isso nossa luta é muito mais ampla do que a conquista de um pedaço de terra. Mas é preciso um intenso e longo acúmulo de forças para atingirmos nossos objetivos principais. Todas nossas ações devem estar voltadas para fortalecer nosso caminho rumo a estes objetivos. Isso significa ampliar nossa referência nas periferias urbanas, nosso número de militantes, nossas conquistas, nossa capacidade de mobilização, dentre muitos outros fatores. (MTST, s/d: 03).

O movimento identifica “a luta contra o Estado” como parte do confronto com “interesses capitalistas” que estão ali expressos. Portanto, a luta pela moradia é um primeiro passo da luta por outra ordem social. Assim, o MTST define seu projeto como a:

Construção do poder popular. Ou seja, a realização efetiva do princípio de que só os trabalhadores podem resolver os problemas dos trabalhadores. Na prática, isso significa estimular e valorizar as iniciativas autônomas, construir formas de organização e de decisão coletivas, lutar por nossas reivindicações e direitos; enfim, não esperar nada de ninguém a não ser de nós mesmos. Assim, podemos dizer que nosso objetivo maior é a construção do poder popular, contra o capital e seu Estado. (MTST, s/d: 03).

Afirmar a busca pela construção do poder popular a partir das práticas dos seus ativistas, estimuladas dentro da própria organicidade do movimento traz consigo diversas implicações como, por exemplo, ter e criar ferramentas para a construção desse projeto, tanto no discurso como na prática de seus militantes. Isso significa que dentro do processo de luta pela moradia adquire-se outra forma de ver o mundo e que a reivindicação pela moradia se torna posteriormente uma luta mais ampla.

O direito à moradia digna é uma bandeira central do nosso movimento. Mas não é única: o trabalhador que não tem acesso ao direito de morar dignamente - o sem teto - também não tem direito à educação, ao atendimento de saúde, ao transporte coletivo, à infraestrutura básica em seu bairro e a muitas outras necessidades. Por isso, afirmamos que o MTST não é um movimento de moradia. Lutamos por moradia, mas entendemos que esta luta é parte de uma luta maior por condição de vida digna (MTST, s/d: 04).

Isso implica numa proposta elaborada pelo movimento que defenda a “transformação profunda no modo como as cidades estão organizadas” (MTST,

s/d: 04) levando a finalmente afirmar que “a bandeira de uma reforma urbana profunda e popular torna-se uma luta fundamental contra os interesses do capital” (MTST, s/d: 04).

A ampliação do escopo das reivindicações se dá a partir de um processo que ocorre dentro do movimento, que relaciona a luta pela moradia com a problemática urbana como um todo, reivindicando uma reforma urbana e posteriormente a construção de um novo projeto societário.

Uma das práticas permanentes do movimento que auxilia a aproximação entre as reivindicações mais imediatas e a construção do projeto político é a ação de formação política. Esta é fundamentalmente elaborada no setor formativo do MTST, mas não acontece exclusivamente nele. Por meio de entrevistas com membros deste setor e da base do movimento, buscamos compreender como ocorre esta formação política e se ela contribui para a apropriação do projeto político pelos sem-teto, expressando-se nas práticas do movimento. Para tanto, a contribuição de Antônio Gramsci nos serviu de referência para a análise.

Categorizações gramscianas na análise da formação política do MTST

Para Gramsci, cada “grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político” (1968: 3).

A luta cotidiana dos militantes do MTST e o processo formativo intencionalmente “guiado” pelo seu setor de formação têm esse potencial de formar sujeitos históricos capazes de transformar o mundo. Esse tipo de sujeito é chamado por Gramsci como o “intelectual de tipo orgânico”.

Del Roio (2006) destaca a importância do educador estar imerso e vinculado à realidade de suas bases, para que estas se eduquem e criem novos educadores dentro de um processo contínuo. Este autor, apoiando-se em Gramsci, considera que as organizações dos trabalhadores devem romper com uma lógica estabelecida autoritariamente² e partir para uma nova maneira de organização em que a educação tenha um papel destacado (Del Roio, 2006).

Segundo Gramsci, intelectual orgânico é aquele – indivíduo ou organização – capaz de conciliar a sua capacidade intelectual com a capacidade de ação prática. Dentro dos arranjos colocados por essa formulação esses, sujeitos têm o papel

² Nesse caso, Gramsci se referia ao Partido Comunista Italiano da década de 1920.

de dirigir o processo de construção de uma nova hegemonia. Esta é a tarefa que propõe o MTST junto a imensos contingentes de trabalhadores precarizados que vivem nas periferias das metrópoles brasileiras.

O conceito de hegemonia elaborado por Gramsci implica a “avaliação do grau de homogeneidade, de autoconsciência e de organização alcançado pelos vários grupos sociais” (Gramsci, 2000: 41) em diferentes momentos da consciência política coletiva. Estas relações de força constituem relações de dominação de uma classe sobre todo o conjunto social e está relacionada ao poder do Estado, bem como ao poder econômico da classe dirigente (Perez, 2016). A conquista da hegemonia pela classe trabalhadora seria, portanto, decisiva para se constituírem novas relações de produção e reprodução da vida humana, eliminando ou alterando o poder hegemônico da atual classe dominante.

Esta disputa hegemônica travada pelo MTST vincula-se profundamente às disputas no campo das relações de poder:

Hegemonia não é, portanto, ausência de poder e autoridade. Pelo contrário, os elementos de dominação coexistem dialeticamente com os elementos de direção, como polos de uma só relação. Capacidade de dirigir, de conquistar alianças, a hegemonia precisa dos seus elementos diretivos tanto para sua implantação como para sua manutenção. Nessa última fase, os vários componentes do processo educativo são utilizados pela classe dominante para obter um consenso e, se possível um consentimento ativo das classes dominadas (Leite e Schlesener, 2007: 3832).

A hegemonia se apresenta, portanto, em uma relação com contornos marcados por elementos que coexistem dialeticamente, elementos de poder-direção ou dominação-consenso. Ou seja, nem só força, nem só consentimento, mas ambos compondo a equação e tendo peso não apenas nas questões relativas à estrutura econômica, como também dentro das orientações ideológicas e morais (Leite e Schlesener, 2007).

O conceito de hegemonia em Gramsci aparece em sua plenitude articulando não somente as ações no campo político econômico, mas tendo seus reflexos também no modo de pensar, nas orientações culturais e ideológicas (Idem). Essa característica da hegemonia de constituir-se como direção no campo das relações de força impacta tanto a estrutura como a superestrutura de uma determinada sociedade.

O processo formativo do MTST se insere, apesar de suas limitações, na construção de uma nova hegemonia, o que implica uma transformação da sociedade capitalista. A inserção no movimento muda o jeito de enxergar as relações sociais no capitalismo. Em um primeiro momento, ocorrem fortes impactos da cultura dominante, que levam, por exemplo, à criminalização das lutas. Mas estas

percepções se transformam no interior do processo de imersão na dinâmica da luta social. Criam-se, assim, outras autopercepções constitutivas não somente de individualidades, mas de coletivos que lutam pela mudança radical no jeito de realizar as práticas cotidianas (Caldart, 2000).

É dentro da luta social que os ativistas criam sua identidade como sujeitos sem-teto, através de vivências e práticas coletivas, como passeatas, reuniões de grupo, assembleias, cursos, mutirão para arrumar os barracos destruídos pela chuva etc.. É aí que “apertam os laços” e passam a consolidar-se como lutadores por uma nova organização urbana e passam a requerer não apenas moradia, mas também a ampliação do acesso a direitos que muitas vezes são vistos como privilégios. A partir daí, começam a entender que isso não é possível dentro da sociedade capitalista (MTST, s/d: 6).

Esse processo de transformação e constituição de um novo jeito de ser, é também parte do movimento de constituição de uma nova identidade como sujeito, tornando-se um fator importante para a criação de uma cultura que não esteja embasada nas relações de dominação estabelecidas dentro da sociedade capitalista e sim num jeito de ser vinculado à nova hegemonia. Isto nos leva a considerar que esse processo se coloca na construção de uma ideologia própria das camadas populares, tal como salienta Perez em seu estudo sobre o MST:

Nesse sentido pode-se afirmar que os intelectuais são agentes dessa superestrutura, pois sua função neste contexto, como intelectual do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é também de reelaborar ou elaborar uma nova ideologia, transformando-a em uma nova concepção da vida humana, uma nova Hegemonia. Concepção esta que afirma uma sociedade mais justa para todos os indivíduos, pois o horizonte que define o caráter da educação no MST é o de um processo pedagógico que assume um caráter político visando a construção de uma nova ordem social (Perez, 2016: 4).

Cabe frisar que o conceito de ideologia formulado por Gramsci tem uma conotação diferente do que é comumente atribuído a essa categoria. Gramsci entende a ideologia como uma concepção de mundo que se expressa nas ações. Seria incorreto relacioná-la à falsa consciência que turva a visão da realidade e da totalidade presentes nas relações sociais (Brandão e Dias, 2007).

Gramsci recupera a fecunda análise de A Ideologia Alemã e afirma que se a ideologia cria a unidade entre uma visão de mundo e a prática a ela correspondente, pode-se, no entanto, encontrar com frequência contradições entre a teoria e a prática, isto é, um relativo desequilíbrio entre o fato intelectual e a norma prática de conduta, tanto em nível individual quanto coletivo (Brandão e Dias, 2007: 84).

A ideologia pode ser entendida, em Gramsci, como uma expressão das concepções de mundo que estão articuladas ao conjunto das superestruturas, isto é, o direito, a arte, por exemplo, e que aparecem de maneira implícita (Brandão e Dias, 2007). Ideologia, para Gramsci, desponta como uma categoria que está ligada ao movimento histórico real, desenvolvendo-se e determinando-se a partir da realidade histórica que se apresenta. Por isto, não pode ser apresentada de maneira apenas individual, mas também coletiva e que se expressa na criação da unidade entre a visão de mundo e prática. Dentro dessa chave pode-se entender porque a ideologia, segundo Gramsci, é importante para a construção de uma nova hegemonia: ela aparecerá como aquilo que é capaz de mover as práticas dos sujeitos responsáveis pela transformação social.

Brandão e Dias salientam que neste “sentido, a ideologia tem papel decisivo, essencial na organização social, não só por ter força real, mas também porque qualquer modificação estrutural para a manutenção e/ou modificação das condições de dominação não pode acontecer sem a intervenção dos elementos ideológicos” (Brandão e Dias, 2007: 84).

A passagem exposta permite nos aproximarmos do processo formativo proposto pelo MTST, que através de sua postura de organização das camadas populares busca formular elementos ideológicos capazes de construir uma cadeia de novas ações e percepções, em condições de mudar a leitura do mundo e atuação no campo político e social.

A formação do MTST e seus atores

Ao longo do processo de pesquisa tivemos a aproximação com acampados e militantes que formam o MTST. Através do material coletado por meio de entrevistas aplicadas junto aos sujeitos do processo formativo do movimento, pudemos nos aproximar das histórias de vida destes que compõem a coletividade e perceber como se estrutura a formação internamente. Exploreemos alguns trechos das entrevistas buscando traçar um paralelo com a discussão até aqui elaborada.

Como vimos na bibliografia sobre o MTST, o processo que levou ao rompimento com o MST é apontado por uma das lideranças como fator importante para o movimento pensar sobre a necessidade da formação em seu interior. Esse foi um passo importante destacado por Ana, uma das lideranças que entrevistamos.

O rompimento entre os dois movimentos é anterior ao ano de 2005, na verdade em meados de 2003 e 2004 entre as ocupações Santo Dias e Rosa Luxemburgo. Podemos afirmar que no ano de 2005 dentro da ocupação Chico Mendes se dá o começo da construção de um coletivo pra pensar a formação política do MTST, bem como atividades e cursos, agora de maneira autônoma (Ana, militante do setor de formação estadual do MTST).

O rompimento, como relatado, trouxe novas implicações para o MTST, que não teria mais uma proposta de organização “transplantada” do movimento camponês para um contexto citadino. Apesar das vantagens, este fato apareceu como um grande desafio para o movimento, que teria que formular e utilizar suas próprias ferramentas de formação de seus ativistas (Goulart, 2011). O processo de afastamento do MST levou a uma reformulação no jeito de “fazer a luta”, que agora deveria responder aos desafios urbanos com uma maneira própria para atender à demanda de organizar a classe trabalhadora urbana.

Uma de nossas entrevistadas, Bruna, coordenadora de grupo (“G”)³, quando questionada sobre como interpretava o MTST antes de sua inserção neste e o que esta entrada representou em sua trajetória de vida, nos relata com extrema sinceridade que:

Eu nunca tinha parado pra ver o movimento, mas aquela parte da Copa do Povo tudo, eu credenciava tudo por televisão né. Eu tinha medo. Achava violento também era muito religiosa, eu era da igreja então, todos os dias eu tava na igreja. Então eu olhava aquilo como terror né, com pânico, mas sabia que eles tavam lutando por uma causa justa que seria certo realmente ir pras ruas. Começou na Copa que explodiu realmente o movimento social principalmente o MTST, dali eu já comecei a acompanhar. Quando eu cheguei e vi que realmente era o movimento eu preferi ficar quieta, por que até então eu ainda tava naquela minha questão religiosa ainda, não sabia se era certo ou se era errado, o que eles estavam lutando, eu queria conhecer, e aí apoiando os coordenadores ajudando na cozinha fui conhecendo um pouquinho de cada vez (Bruna, uma das coordenadoras de Grupo da ocupação Dandara).

É possível enxergar na fala de Bruna que a inserção no MTST trouxe uma percepção diferente da luta coletiva. Isso porque, se antes de sua inserção no movimento a leitura em relação às lutas era difundidas pela mídia, a partir de sua participação no dia-a-dia do movimento muda significativamente sua percepção da luta por moradia e pela reforma urbana.

Pensando o processo educativo-político com o qual os sujeitos têm contato dentro do MTST, o acampado Francisco destaca o que apresentamos em parágrafos anteriores, baseados no trabalho de Caldart, que só a luta tem a capacidade de educar e promover uma nova coletividade e fazer emergir um novo homem. A resposta sobre o que aprendera no movimento foi certa:

Olha, eu aprendi que a gente, a gente cada cidadão pode criar o poder popular, porque por incrível que pareça, quase chegando 50 anos eu não sabia que a gente podia criar o nosso próprio poder popular ah, e o MTST ensinou muito para nós do que é o poder popular que cada um tem

³ “Gs” são os grupos em que se dividem as barracas dos acampados e que servem como referência para a organização em menor escala e que melhora a localização das famílias acampadas. Cada G tem uma cozinha o que facilita na centralização das informações das partes do terreno ocupado.

dentro de si, essa autoridade, sua própria autoridade, e pode construir...bons e lucrativos, juntos na... (sic) juntando uma união dá pra... bastante (Francisco, um dos coordenadores de Grupo da ocupação Dandara).

Elvis, também coordenador de grupo da ocupação Dandara, completa a ideia iniciada por Bruna dizendo que:

Você ter... É você conhecer muitas histórias, pelo menos aqui, vários acampados têm várias histórias pra contar, às vezes quem tá de fora fica... acaba falando mal, a gente ouviu várias histórias do pessoal, é muita luta, e do pessoal que tá batalhando mesmo que precisa né, que me ajudou nesse meio que eu aprendi mais, foi questão, dessa união que você tá, da coletividade. Exatamente do coletivo. E nossa é tanta coisa assim que você vai aprendendo a trabalhar com o povo né, e você vê que a coisa assim é um pouco diferente né dessa coisa. Dessa visão de quem tá mais de fora, infelizmente ainda existe muito do pessoal que não se interessa pela política e a gente tem o trabalho aqui de tentar politizar os ocupados mais é um pouco difícil isso daí (Elvis, um dos coordenadores de grupo na Ocupação Dandara).

A participação dentro de um coletivo é capaz de fazer com que o sujeito tenha protagonismo na formação de todos os outros sujeitos que estão no entorno e na luta social. Ou seja, no contexto da sua formação como militantes do MTST, também participam da formação dos outros membros da coletividade, tal qual destaca Felipe, membro do setor estadual de formação política do movimento:

Porque também tem isso, o setor de formação do MTST centra fogo mais na formação de uma militância intermediária, os coordenadores de grupo se tornam coordenadores nos setores, os coordenadores de grupo de terreno, a gente aplica esse curso formativo neles pra que quando a gente saia do terreno eles possam ser aproveitados dentro dos setores do movimento e eles serão convidados a compor, né? Por exemplo: ela tem perfil pra ser do setor de organização, ele tem perfil pra ser do setor de negociação, conforme o caso de cada um. O esforço formativo do movimento está mais nesse nível da coordenação de acampamento pra coordenação do movimento, coordenação dos setores (Felipe, militante do setor estadual de formação política do MTST).

As lideranças que o movimento produz surgem necessariamente da luta e devem também ajudar outros a construir a luta pela casa própria e contra o modelo de cidade imposto pela sociedade capitalista. Essas lideranças aproximam-se de maneira muito efetiva daquilo que Gramsci categoriza como intelectual orgânico – um sujeito faz a luta e a luta faz o sujeito.

A perspectiva de formação de intelectuais orgânicos pelo MTST ainda nos parece embrionária. Todavia, é possível perceber o potencial da formação política de seus militantes, direcionada para constituir-se como ferramenta na construção de uma nova hegemonia.

*A gente brinca, coloca assim, que a nossa formação mesmo é na prática e é verdade, porque é um movimento social e uma organização política. Aonde que eles não aprender política no chão de terra batida? Na prática, nos problemas que eles não viver né, nas contradições que a própria negociação coloca. Negociação, digo: a interface com o poder público, às vezes aponta uma saída: “Ah tem um edital que a gente pode conseguir a terra” aí você vai lá é tanta burocracia que inviabiliza você participar do edital. **O reconhecimento de contradições reais que vão aparecendo no processo de luta**, a gente usa como ganchos pra essa formação. A gente brinca então que a nossa formação se dá no espaço prático, de atuação prática do movimento, **o que o setor de formação faz é tentar sistematizar isso**, a partir dessa experiência que tivemos aqui, nessa luta que é a Dandara (Idem; grifos nossos).*

Felipe toca em aspectos importantes ao apresentar como a prática, dentro das ações dos acampados, constrói as novas relações que, por sua vez, estabelecem um jeito de se relacionar com a coletividade totalmente diferente da vivência de isolamento anterior. As práticas desenvolvidas na luta têm aspectos constitutivos de uma nova proposta de hegemonia.

Assim, podemos entender o homem como sujeito da práxis que, por meio de suas ações, transforma o meio social e a si mesmo (Klein e Klein, 2011). O lugar onde os sujeitos do MTST se educam é o lugar em que eles podem superar as contradições postas pela sociedade capitalista, tendo a luta pela casa própria e por uma nova sociedade como bases de práticas que são antagônicas àquelas colocadas pela ordem do capital.

A criação desses novos sujeitos que são os militantes do MTST está relacionada à mudança de sua percepção como sujeito, ou seja, emancipação e formação como novos homens e mulheres que os levam ao embate e enfrentamento político para a construção de uma nova hegemonia e a superação da sociedade dividida em classes. Bruna afirma que

Quando eu cheguei e vi que realmente era o movimento eu preferi ficar quieta, por que até então eu ainda tava naquela minha questão religiosa ainda não sabia se era certo ou se era errado o que eles estavam lutando, eu queria conhecer, e aí apoiando os coordenadores ajudando na cozinha fui conhecendo um pouquinho de cada vez, até me tornar coordenadora e começar a frequentar os encontros e a formação, que a formação que mudou todos os pensamentos (Bruna, coordenadora de Grupo da ocupação Dandara).

A construção de uma nova ideologia rompendo com as relações dadas dentro da estrutura da sociedade capitalista é parte central do processo formativo que o MTST propõe, isto porque é justamente com esse processo de construção que o movimento busca romper com os ditames postos pelo capitalismo.

Bruna relata como o movimento a ajudou a enxergar as contradições que antes estavam “encobertas” na sua visão cotidiana:

Então a gente tá vendo aí corrupção, e tudo isso que hoje eu tenho entendimento tanto dessa parte histórica que vai acontecer daqui pra frente eu já me preocupo como que eu vou conseguir explicar pra minha filha. Como que os professores conseguirão lidar com isso, isso já vem me preocupando e eu já vou de acordo com o movimento aprendendo cada dia mais, então é uma integração, os dois andam juntos tanto o lado histórico quanto o movimento. O movimento além de tá fazendo história, ele tá dando oportunidade pra que a gente entenda o que tá acontecendo, pra que a gente tenha realmente essa formação né, essa formação política. O que realmente aconteceu com a Dilma? É conhecer os nossos direitos conhecer a constituinte, como será o governo Temer, tudo isso tá englobando, não só eles dois mais também quando se trata de política em geral (Idem).

E Felipe arremata dizendo:

Então é isso, a formação ela sempre tá vinculada à organização pra luta, a própria mobilização, o esforço de mobilização que por sua vez tá vinculado a conjuntura, uma necessidade real da luta, se a luta é mais rápida ela é mais intensa na rua, se ela é mais demorada como essa daqui, a luta é mais intensa no terreno né?! Isso exige que a gente se esforce para um caráter formativo ou para o outro, então o movimento está tentando ler essa realidade a partir da organização para a luta e construir uma realidade teórica, uma realidade formativa como eu disse (Felipe, militante do setor estadual de formação do MTST).

O trecho da fala de Felipe mostra como esse movimento de construção da ideologia é forjado por meio de práticas de luta dentro do movimento vinculadas à realidade histórica. Essa aproximação desnuda a relação que buscamos compreender ao longo da pesquisa, qual seja, como a luta vivida dentro do MTST transforma as percepções dos sujeitos, como parte do processo de conquista da moradia e de seus direitos.

Este movimento tem realizado avanços e encontrado obstáculos em seu processo de organização dos trabalhadores da periferia. Sobre os desafios colocados, Ana nos mostra que:

(...) estão mais vinculados entre associar o momento histórico que até pouco tempo atrás era de descenso das lutas com o processo de tomada de consciência dos nossos militantes. Quando o processo como o de hoje, mais rápido, mais intenso e de mais luta, viabiliza um salto maior de compreensão, participação e de iniciativa dos nossos militantes, além de ficar mais acirrado o sentimento de classe (Ana, militante do setor estadual de formação do MTST).

Pensando nos aspectos que podem ser vistos como conquistas, Ana afirma que: “Os principais avanços foi sistematizar nosso material; fazer cursões que abordam assuntos que ultrapassam os limites dos nossos acampamentos; disseminar a ideia de que a formação pode ser feita por todos os setores a partir de temas próprios e fazer formação nacional” (Idem).

Entendendo esses obstáculos e avanços, acreditamos que o movimento tem caminhado de maneira cuidadosa na construção de um programa bem mais definido para pensar a formação sistematizada dos seus militantes. Observamos, no entanto, que ainda não existe uma orientação teórico-metodológica claramente definida, que poderia auxiliar na construção de um programa de formação mais preciso e que não corra o risco de cair em um espontaneísmo vazio.

Concordamos, por fim, com o que Michael Löwy (1999), referindo-se a filosofia de Ernesto Che Guevara, assinala: “[...] Pela educação direta e indireta, pela elevação do nível cultural, pela propaganda, pelo trabalho ideológico [...] Mas essa educação não é, nem pode ser, uma aprendizagem puramente passiva, deve ser igualmente, e acima de tudo, uma autoeducação: na caminhada para o comunismo é preciso que o povo eduque a si próprio” (Löwy, 1999: 43).

A ação indicada por Che e lembrada por Löwy tem, portanto, papel fundamental na formação da percepção de mundo por parte dos sujeitos sem-teto. É ela que guia as novas práticas e a nova proposta de sociedade que seus ativistas levam a cabo na luta contra a organização capitalista de cidade e sociedade.

Bibliografia

- BRANDÃO, Nágela; DIAS, Edmundo (2007) A Questão da Ideologia em Gramsci. *Trabalho & Educação*, São Paulo, v. 16, n. 2.
- CALDART, Roseli Salette (2000). *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. Petrópolis: Vozes.
- DEL ROIO, Marcos (2006). Gramsci e a educação do educador. *Cadernos Cedes*, v. 26, 70. Campinas.
- GOULART, Débora Cristina (2011). *O anticapitalismo do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Marília-SP.
- GRAMSCI, Antônio (1968). *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 3ed.
- KLEIN, Bianca Larissa; KLEIN, Lígia Regina (2011). Ontologia humana e trabalho alienado. In: *Escola e Movimento Social: experiências em curso no campo brasileiro*. São Paulo: Expressão Popular.
- KOWARICK, Lúcio (1987). Movimentos urbanos no Brasil contemporâneo: uma análise da literatura. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 3, São Paulo.

- LEITE, Patricia de Moura; SCHLESENER, Anita Helena (2007). Hegemonia: considerações acerca do pensamento de Gramsci. In: *Anais do VII Encontro Nacional de Educação (EDUCERE)*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba: Editora Champagnat.
- LÖWY, Michael (1999). *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (s/d). *Cartilha do militante*. Disponível em: <http://www.mtst.info/files/mtst/CartilhadomilitanteMTST.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2010.
- PEREZ, Luana de Paula (2016). Educação e luta política: uma análise sobre a trajetória do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Pensata*, v. 5, n.1, Guarulhos. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/educacao-e-luta-politica-uma-analise-sobre-a-trajetria-do-movimento-dos-trabalhadores-sem-terra-22423>. Acesso em 18 outubro de 2016.